 Tempo de leitura: 8 min.

A Sinodalidade Missionária: Uma Perspectiva Salesiana

Sinodalidade no Novo Testamento
O substantivo “sinodalidade”, tem se tornado usual nos últimos anos. Infelizmente, algumas pessoas têm a própria compreensão ideológica ou errônea do conceito. Não surpreende, então, que muitas pessoas, também religiosos e sacerdotes, perguntem abertamente: “O que é isso? O que isso significa”? Sinodalidade na verdade é uma nova palavra para uma realidade antiga. Jesus, o peregrino que proclamou a Boa-Nova do Reino de Deus (Lc 4,14-15), partilhou com todos a verdade e o amor da comunhão com Deus e com suas irmãs e seus irmãos. A imagem dos discípulos de Emaús em Lucas 24,18-35 é outro exemplo de sinodalidade: eles começaram recordando os acontecimentos que haviam vivido; depois reconheceram a presença de Deus nesses acontecimentos; enfim, agiram ao retornar a Jerusalém para anunciar a ressurreição de Cristo. Isso significa que nós, discípulos de Jesus, também devemos caminhar juntos na história como povo de Deus da nova Aliança. De fato, nos Atos dos Apóstolos, o Povo de Deus caminha junto, sob a orientação do Espírito Santo, durante o Concílio de Jerusalém (At 15; Gl 2,1-10).

Sinodalidade na Igreja primitiva
No Igreja primitiva, Santo Inácio de Antioquia (50-117) recordava à comunidade cristã de Éfeso que todos os seus membros são “companheiros de viagem” em virtude do seu batismo e da sua amizade com Cristo. São Cipriano de Cartago (200-258) insistia que nada deveria ser feito na Igreja local sem o bispo. Da mesma forma, para São João Crisóstomo (347-407) “Igreja” é um termo para “caminhar juntos” através da relação recíproca e ordenada dos membros que os leva a ter uma mente comum.
Na Igreja primitiva, a palavra grega composta de duas partes: *syn* (que significa “com”) e *ódós* (que significa “caminho”) era usada para descrever o caminho do povo de Deus pela mesma vereda a fim de responder a questões disciplinares, litúrgicas e doutrinárias. Assim, os sínodos foram realizados periodicamente nas igrejas e dioceses locais a partir de meados do século II, ou seja, a partir mais ou menos do ano 150. Da mesma forma, a partir de 325 em Niceia, a reunião de todos os bispos da Igreja, chamada “Concílio” em latim, começou a tomar decisões como

expressão de comunhão com todas as Igrejas.

Sinodalidade no Vaticano II
O Concílio Vaticano II não abordou especificamente a questão da sinodalidade nem utilizou este termo ou conceito em seus documentos. Em vez disso, utilizou o termo "colegialidade" para o método de construção dos processos conciliares. No entanto, a sinodalidade está no centro do trabalho de renovação incentivado pelo Concílio. Enquanto a colegialidade diz respeito ao processo decisório dos bispos em nível de Igreja universal, a sinodalidade é fruto de esforços ativos para viver as perspectivas do Concílio Vaticano II em nível local. Esta compreensão foi incorporada à visão da natureza da Igreja como "comunhão" que recebeu a "missão" de proclamar e estabelecer entre todos os povos o Reino de Deus (*Lumen gentium,* 5). Ela prevê que a Igreja caminhe junto e compartilhe "as alegrias e esperanças, as tristezas e as angústias" de todos aqueles com quem caminhamos (*Gaudium et spes*, 1).

Papa Francisco e a Sinodalidade
Desde 2013, o Papa Francisco está a nos ensinar a sinodalidade em tudo o que faz e diz. A sinodalidade não é uma simples discussão, nem é como as deliberações dos parlamentos em busca de consensos que terminam com o voto da maioria. Não se trata de discutir, argumentar ou escutar para responder. Não é um processo de democratização ou de pôr uma doutrina em votação. Não é um plano ou um programa a ser realizado. Também não se trata do que querem os bispos ou outras partes interessadas, ou de comando e controle. A sinodalidade refere-se, porém, a quem somos e quem desejamos ser como comunidade cristã, como corpo de Cristo. É o estilo de vida que qualifica a vida e a missão de toda a Igreja. A sinodalidade é escuta atenta para compreender em nível pessoal e mais profundo. É uma Igreja de participação e corresponsabilidade, a começar do Papa, dos bispos e envolvendo todo o povo de Deus, para que todos possamos descobrir a vontade de Deus no enfrentamento de uma série particular de desafios.
A presença do Espírito Santo, mediante o sacramento do Batismo recebido, permite que todo o povo de Deus tenha o instinto da fé (*sensus fidei*) que o ajuda a discernir o que é verdadeiramente de Deus e a sentir, intuir e perceber em harmonia com a Igreja. A sinodalidade envolve o exercício do *sensus fidei* de todo o povo de Deus, o ministério de guia do colégio dos bispos com o clero e o ministério de unidade do bispo de Roma.

Sinodalidade e Discernimento
A sinodalidade é caracterizada principalmente pelo constante discernimento da presença do Espírito Santo. É uma dinâmica que se torna realidade, porque não

podemos prever aonde o Espírito Santo pode nos levar. A sinodalidade não é um itinerário traçado com antecedência. É, contudo, um encontro que forma e transforma. É um processo que nos desafia a reconhecer a função profética do povo de Deus e exige que permaneçamos abertos à imprevisibilidade de Deus. Pela escuta recíproca e o diálogo, Deus vem nos tocar, nos sacudir, nos mudar interiormente. Em última análise, a sinodalidade é expressão do envolvimento coletivo e do senso de corresponsabilidade da totalidade do povo de Deus pela Igreja.
Isso implica uma atitude de escuta atenta, com humildade, respeito, abertura, paciência com nossas experiências e disposição para escutar até mesmo ideias discordantes, pessoas que abandonaram a prática da fé, pessoas de outras tradições de fé ou mesmo de nenhuma crença religiosa, a fim de discernir os sussurros do Espírito Santo, que é o principal protagonista, e consequentemente promover a ação de Deus nas pessoas e na sociedade, agindo com sabedoria e criatividade.

A Igreja é missionária
A Igreja existe para difundir a boa-nova de Jesus. Portanto, a sua atividade missionária consiste sobretudo em proclamar o nome, o ensinamento, a vida, as promessas, o reino e o mistério de Jesus de Nazaré, o Filho de Deus (Paulo VI, *Evangelii Nuntiandi,* 14, 22). Uma vez que todos os membros da Igreja, em virtude do batismo que receberam, são agentes de evangelização, consequentemente uma Igreja sinodal é um pré-requisito indispensável para uma nova energia missionária envolvendo todo o povo de Deus. A evangelização sem sinodalidade carece de atenção às estruturas da Igreja. Por outro lado, a sinodalidade sem evangelização significa que somos apenas mais um clube social, comercial ou filantrópico.

Sinodalidade Missionária
A sinodalidade missionária é uma abordagem sistêmica da realidade pastoral. Enviado a proclamar o Evangelho, todo batizado como discípulo-missionário deve aprender a ouvir atenta e respeitosamente, como companheiros de viagem, o povo local, os seguidores de outras religiões, os clamores dos pobres e marginalizados, aqueles que não têm voz no espaço público, a fim de estar mais próximo de Jesus e do seu Evangelho e ser uma Igreja em saída, não fechada em si mesma.
Se o nosso testemunho público nem sempre é evangelizador no sentido mais amplo, somos apenas uma ONG a mais num mundo de crescente desigualdade e isolamento. Hoje há uma percepção crescente de que tudo o que fazemos como católicos é um ponto de contato com a evangelização. Evangelizamos através do

modo como acolhemos as pessoas, do modo como tratamos nossos amigos e familiares, do modo como gastamos o nosso dinheiro como indivíduos, comunidades e grupos, do modo como cuidamos dos pobres e alcançamos os marginalizados, do modo como usamos as mídias sociais, do modo como ouvimos atentamente os desejos dos jovens e do modo como discordamos e dialogamos uns com os outros.

O Processo Sinodal

A fim de escutar atentamente o sentido de fé do povo de Deus (*sensus fidelium*), que a Igreja ensina como autêntico garantidor da fé que expressa, o Papa Francisco instituiu o "processo sinodal". Caminhando juntos, discutindo e refletindo como povo de Deus, a Igreja crescerá em sua autocompreensão, aprenderá a viver a comunhão, promoverá a participação e se abrirá à missão de evangelização.

O processo sinodal pretende inspirar esperança, estimular confiança, curar feridas para tecer novas e profundas relações, aprender uns com os outros e iluminar as mentes para sonhar entusiasticamente com a Igreja e a nossa missão comum. Trata-se de um *kairós* ou momento maduro na vida da Igreja para a conversão em preparação à evangelização e é um momento de evangelização.

Sinodalidade e carisma salesiano

Dos tesouros pedagógicos e espirituais do carisma salesiano, podemos tirar expressões de sinodalidade missionária.

O nosso patrono, São Francisco de Sales, fez da amizade verdadeira o contexto necessário em que caminhamos juntos através do acompanhamento espiritual. Ele acreditava que não pode haver acompanhamento espiritual verdadeiro sem verdadeira amizade. Esta amizade sempre implica comunicação e enriquecimento recíproco, o que permite que a relação se torne verdadeiramente espiritual.

No Oratório de Valdocco, Dom Bosco preparou os seus meninos para a vida tornando-os conscientes do amor de Deus por eles, ajudando-os a amar a sua fé católica e praticá-la na vida quotidiana. Preocupava-se em manter uma relação individual para oferecer-lhes acompanhamento pessoal e de grupo, de acordo com as necessidades de cada um. Ele escreveu em sua carta de Roma de 1884: «A familiaridade leva ao amor e o amor leva à confiança. Ela abre o coração e os jovens revelam tudo sem medo». Mantendo bom equilíbrio entre um ambiente saudável e maduro e a responsabilidade individual, o Oratório tornou-se uma casa, uma paróquia, uma escola e um pátio para brincar.

Dom Bosco formou ao seu redor uma comunidade em que os próprios jovens eram protagonistas. Favoreceu a participação e a divisão de responsabilidades entre

eclesiásticos, salesianos e leigos. Eles ajudavam-no a ensinar o catecismo e dar outras aulas, ajudar na igreja, conduzir os jovens na oração, prepará-los para a Primeira Comunhão e a Crisma, ajudar no pátio onde brincavam com os meninos, ajudar os mais necessitados a encontrar emprego com algum empregador honesto. Em troca, Dom Bosco cuidava diligentemente da vida espiritual deles com encontros pessoais, conferências, direção espiritual e administração dos sacramentos. Desse ambiente nasceu uma nova cultura em que se respirava um profundo amor a Deus e a Nossa Senhora, criando, por sua vez, um novo estilo de relação entre jovens e educadores, entre leigos e sacerdotes, entre aprendizes e estudantes.

Hoje, a *Comunidade Educativo-Pastoral* (CEP), mediante o *Projeto Educativo-Pastoral Salesiano* (PEPS), é o centro de comunhão e partilha do espírito e da missão de Dom Bosco. Na CEP promovemos uma nova forma de pensar, julgar e agir, uma nova forma de abordar os problemas e um novo estilo de relações – com os jovens, os salesianos e os leigos, de várias maneiras, como líderes e colaboradores.

O espírito missionário é um elemento essencial do carisma de Dom Bosco, que ele transmitiu aos seus salesianos e a toda a família salesiana. Esse espírito está resumido no *Da mihi animas* e exprime-se através do "coração oratoriano": o fervor, o impulso e a paixão pela evangelização, especialmente dos jovens. É a capacidade de diálogo intercultural e inter-religioso e a prontidão para ser enviado aonde houver necessidade, especialmente às periferias.

Um tempo de conversão

A conversão pessoal e comunitária será sempre necessária, pois reconhecemos humildemente que ainda existem muitos obstáculos em nossos esforços para viver a sinodalidade missionária: a pressa de ensinar em vez de escutar; o sentir-se no direito ao privilégio; a incapacidade de ser transparente e responsável; a lentidão no diálogo e a falta de presença animadora entre os jovens; a propensão para controlar e reivindicar o direito exclusivo de tomar decisões; a falta de confiança em dar responsabilidades aos leigos como parceiros na missão; e a falta de reconhecimento da presença do Espírito Santo nas culturas e nos povos, mesmo antes da nossa chegada.

Na verdade, a sinodalidade missionária salesiana é ao mesmo tempo um dom e uma tarefa!